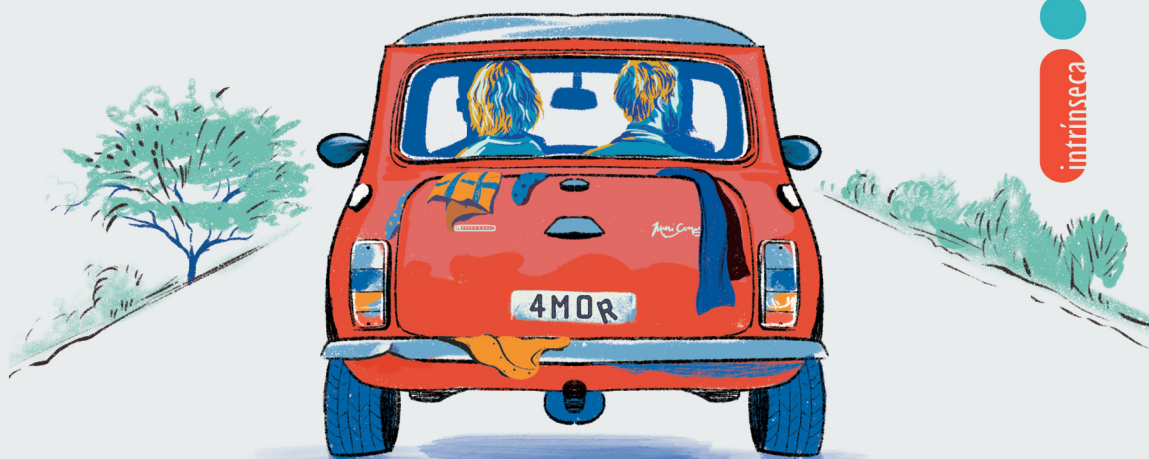


UM CARRO, CINCO PESSOAS,
MUITAS HISTÓRIAS.

NA ESTRADA COM O EX



intrínseca

BETH O'LEARY

AUTORA DE *Teto para dois*

Na estrada com o ex

Beth O'Leary

Tradução de Ana Rodrigues



Copyright © 2021 Beth O’Leary Ltd

TÍTULO ORIGINAL
The Road Trip

PREPARAÇÃO
Nina Lopes

REVISÃO
Agatha Machado
Thayná Pessanha

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O38n

O’Leary, Beth, 1992-
Na estrada com o ex / Beth O’Leary ; tradução Ana
Rodrigues. - 1. ed. - Rio de
Janeiro : Intrínseca, 2021.
416 p. ; 23 cm.

Tradução de: The road trip
ISBN 978-65-5560-338-5
978-65-5560-078-0 [c.i.]

1. Romance inglês. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

21-72355

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para as minhas madrinhas de casamento.

AGORA

Dylan

— A estrada da amizade nunca flui suavemente, escute o que estou dizendo — me fala Marcus, enquanto tenta afivelar o cinto de segurança.

Essa é a minha primeira experiência com um pedido de desculpas sincero de Marcus e, até agora, já envolveu seis clichês, o assassinato de duas referências literárias e nenhum contato visual. A palavra *desculpa* até apareceu, mas foi precedida de um *Não sou muito bom em pedir*, o que de certa forma comprometeu a sinceridade do pedido.

Mudo a marcha.

— Não é o curso do verdadeiro amor que nunca flui suavemente? *Sonho de uma noite de verão*, se não me engano.

Estamos perto de um supermercado vinte e quatro horas. São quatro e meia da manhã, a escuridão nos envolve feito um edredom pesado, mas a luz fraca e amarela do mercado ilumina as três pessoas no carro da frente como se estivessem se movendo sob um holofote. Estamos bem atrás deles, ambos seguindo o ritmo lento e chacoalhante de um caminhão mais adiante.

Por uma fração de segundos, vejo o rosto da motorista pelo espelho retrovisor. Ela me lembra Addie; se a gente pensa demais em alguém, acaba vendo essa pessoa por toda parte.

Marcus bufa.

— Estou falando dos meus sentimentos, Dylan. E é angustiante. Por favor, tire o olho do seu próprio umbigo para realmente me escutar.

Sorriso ao ouvir aquilo.

— Tudo bem. Estou ouvindo.

Continuo dirigindo e passamos pela padaria. Os olhos da motorista do carro da frente são iluminados de novo pelo retrovisor, as sobrancelhas ligeiramente erguidas por trás dos óculos de armação quadrada.

— Só estou dizendo que entendo que tivemos alguns acidentes de percurso, e que não lidei bem com a situação, e que é... que é mesmo uma pena que isso tenha acontecido.

É realmente impressionante ver os nós linguísticos que ele dá para evitar um simples *me desculpa*. Permaneço em silêncio. Marcus tosse e se remexe um pouco mais, inquieto, e quase fico com pena e digo que está tudo bem, que ele não precisa pedir desculpas se ainda não estiver pronto, mas então passamos lentamente pela casa de apostas, outro fecho de luz atinge o carro da frente, e Marcus é esquecido. A motorista abaixou o vidro da janela, colocou o braço para fora e apoiou a mão no teto do carro. Seu braço está cheio de pulseiras cintilando em um tom vermelho metálico sob a luz do farol do carro. O gesto é tão dolorosamente familiar: o braço esguio e pálido, o movimento determinado, e aquelas pulseiras, as contas redondas e infantis envolvendo o pulso. Eu reconheceria aquele braço em qualquer lugar. Meu coração acelera, como se eu tivesse tropeçado, porque é ela, é *Addie*. Seus olhos encontram os meus pelo retrovisor.

Então Marcus grita.

Mais cedo, ele já tinha dado um grito igualmente apavorado quando passamos por uma padaria da rede Greggs anunciando que tinham linguiça vegana, por isso agora não reajo com a rapidez que talvez tivesse reagido em outra circunstância. Quando o carro da frente para de súbito, e eu não freio rápido o bastante o Mercedes no valor de setenta mil libras do pai de Marcus, só tenho tempo para me arrependeu do que fiz.

Addie

Bam.

Minha cabeça foi jogada tão rápido para a frente e para trás que os meus óculos saíram voando por cima do encosto de cabeça do banco. Alguém grita. *Ai, merda.* Uma dor sobe pelo meu pescoço e só o que consigo pensar é *Meu Deus, o que foi que eu fiz? Bati em algo?*

— Merda — diz Deb ao meu lado. — Você está bem?

Levo a mão aos óculos que, obviamente, não estão no meu rosto.

— O que acabou de acontecer aqui? — consigo perguntar.

Minhas mãos trêmulas tocam o volante, então o freio de mão e depois o espelho retrovisor. Estou tentando me orientar.

Eu o vejo pelo retrovisor. Um pouco borrado, já que estou sem óculos. Um pouco irreal. Mas é ele, sem sombra de dúvida. Ele é tão familiar que, por um momento, tenho a sensação de estar olhando para o meu próprio reflexo. De repente, o meu coração dispara, como se não houvesse espaço suficiente no meu peito.

Deb está saindo do carro. À nossa frente, o caminhão de lixo começa a se mover, e seu farol ilumina o rabo da raposa que o fez frear. Ela está subindo na calçada com tranquilidade. Aos poucos, as peças da cena começam a se encaixar. O caminhão para por causa da raposa, eu paro por causa do caminhão e, atrás de mim, Dylan não para. Então... *bam.*

Volto a olhar para Dylan pelo retrovisor, e ele continua me encarando. Tudo parece desacelerar, ou se aquietar, ou desvanecer, como se alguém tivesse diminuído o volume do mundo.

Não vejo Dylan há vinte meses. Ele deve ter mudado de algum modo. Tudo mudou. Mas mesmo daqui, na semiescuridão, vejo o contorno exato do nariz dele, os cílios compridos, os olhos verde-amarelados como a pele de uma cobra. Sei que esses olhos devem estar tão arregalados e chocados como quando ele me deixou.

— Ora — diz a minha irmã. — O Mini nos deixou orgulhosas.

O Mini. O carro. Tudo volta rapidamente e solto o cinto de segurança. São necessárias três tentativas. As minhas mãos estão tremendo. Quando volto a olhar pelo retrovisor, os meus olhos se fixam no banco de trás, em vez de no carro de trás, e lá está Rodney, o corpo curvado para a frente, as mãos na cabeça e o nariz tocando os joelhos.

Merda. Tinha me esquecido completamente do Rodney.

— Você está bem? — pergunto a ele, ao mesmo tempo em que Deb diz:

— Addie? Você está bem? — Ela enfia a cabeça dentro do carro, então faz uma careta. — O seu pescoço também está doendo?

— Está — respondo, porque, assim que ela pergunta, eu percebo que está doendo *muito*.

— Nossa — diz Rodney, enquanto abandona, hesitante, a posição de impacto. — O que aconteceu?

Na noite anterior, Rodney perguntou no grupo do Facebook “Cherry & Krish vão se casar”, se alguém saindo da área de Chichester podia lhe dar uma carona para o casamento. Como mais ninguém respondeu, eu e Deb ficamos com pena. Só o que sabemos sobre Rodney é que ele toma um pote de iogurte no café da manhã, está sempre curvado e sua camiseta diz *Continuo apertando Esc, mas ainda estou aqui*, então acho que já entendi a essência dele.

— Algum babaca em um Mercedes bateu na gente — diz Deb, e endireita o corpo para olhar de novo para o carro de trás.

— Deb... — chamo.

— Oi?

— Acho que é o Dylan. Naquele carro.

Ela franze o nariz e enfia novamente a cabeça dentro do carro para olhar para mim.

— Dylan *Abbott*?

Engulo em seco.

— É.

Arrisco uma olhada por cima do ombro. O meu pescoço protesta. Só então reparo no homem saindo pela porta do carona do Mercedes. Magro e fantasmagoricamente pálido sob a luz das vitrines das lojas atrás dele. E lá vai meu coração disparar de novo.

— Ele está com o Marcus — digo.

— O *Marcus*? — repete Deb, com os olhos arregalados.

— Sim. Ai, meu Deus. — Que horror. O que eu faço agora? Falo alguma coisa sobre acionar o seguro? — Está tudo bem com o carro? — pergunto.

Desço do Mini ao mesmo tempo em que Dylan está saindo do Mercedes. Ele está usando uma camiseta branca com uma bermuda de sarja, e um mocassim surrado nos pés. O mosquetão de um chaveiro está preso no passante do cinto e enfiado no bolso. Aquilo foi ideia minha, porque ele vivia perdendo as chaves.

Dylan sai na luz dos faróis do Mercedes. Ele está tão bonito que causa uma pontada no meu peito. Vê-lo é ainda mais difícil do que eu esperava. Quero fazer tudo ao mesmo tempo: correr na direção dele, fugir, me enroscar em posição fetal, chorar. E, sob tudo isso, tenho a sensação totalmente absurda de que alguém fez uma confusão danada lá em cima, no universo, porque eu *deveria* ver o Dylan nesse fim de semana, pela primeira vez em quase dois anos, mas no casamento.

— Addie? — chama ele.

— Dylan — consigo responder.

— Um *Mini* realmente conseguiu fazer um estrago total no Mercedes do meu pai? — fala Marcus.

Levo a mão inconscientemente à minha franja. Estou sem maquiagem, usando uma jardineira velha, sem mousse no cabelo. Passei *meses* planejando a roupa que deveria usar quando visse o Dylan de novo, e não era essa. Mas ele não me olha de cima a baixo nem parece reparar na minha nova cor de cabelo; seus olhos encontram os meus e ficam fixos

ali. Tenho a sensação de que o mundo todo acabou de tropeçar e teve que recuperar o fôlego.

— Cacete — reclama Marcus. — Um Mini! Olha a indignidade da situação!

— Que merda foi essa? — pergunta Deb. — O que você fez? Simplesmente enfiou seu carro no nosso!

Dylan olha ao redor, perplexo. Eu me recomponho.

— Alguém se machucou? — pergunto, enquanto esfrego o pescoço dolorido. — Rodney?

— Quem? — pergunta Marcus.

— Estou bem! — grita Rodney, que continua sentado no banco de trás do carro.

Deb o ajuda a sair. Eu deveria ter feito isso. Mas meu cérebro está meio bagunçado.

— Merda — diz Dylan, enfim reparando no para-choque amassado do Mercedes. — Desculpe, Marcus.

— Ah, cara, sinceramente, não se preocupe com isso — responde Marcus. — Sabe quantas vezes já dei perda total em um dos carros do meu pai? Ele nem vai perceber.

Dou um passo à frente para checar a traseira do velho Mini da Deb. Na verdade, não parece tão ruim; o *bam* foi tão alto que imaginei que alguma coisa mais séria tinha voado do carro. Como uma roda.

Antes de me dar conta do que ela estava fazendo, Deb já ocupou o banco do motorista e ligou novamente o motor.

— Tudo certo aqui! — diz Deb. — Que carro... Foi o melhor dinheiro que eu já gastei.

Ela avança um pouco, sobe no meio-fio e liga o pisca-alerta.

Dylan volta para o Mercedes para procurar alguma coisa no porta-luvas. Ele e o Marcus falam sobre acionar o seguro do carro, o Marcus encaminha para o Dylan um e-mail do celular dele, e eu penso comigo mesma... É isso, o cabelo do Dylan está mais curto. É isso. Sei que deveria estar pensando sobre o acidente, mas só consigo brincar de jogo dos sete erros. Olho para Dylan e me pergunto: *O que está faltando? O que está diferente?*

Os olhos dele voltam a encontrar os meus. Me sinto quente. Há alguma coisa no olhar do Dylan... que meio que prende a gente, feito uma teia de aranha. Eu me forço a desviar o olhar.

— Então... imagino que vocês estejam indo para o casamento da Cherry? — pergunto ao Marcus.

A minha voz está trêmula. Não consigo olhar para ele. Subitamente fico feliz por ter o para-choque traseiro amassado do Mini para olhar.

— Bem, a gente estava — fala Marcus lentamente, olhando para o Mercedes. Talvez ele também não consiga se forçar a me encarar. — Mas agora não temos como dirigir esse bebê por mais seiscentos e cinquenta quilômetros. Ele precisa ir para uma oficina. E o seu também.

Deb faz um barulhinho de desdém, já fora do carro de novo e esfregando um arranhão na lataria com a manga do casaco velho.

— Ah, está tudo bem — diz, enquanto abre e fecha o porta-malas do carro, para checar. — Foi só um amassadinho.

— Marcus, esse negócio vai explodir — fala Dylan.

Mesmo de onde estou, vejo o painel do Mercedes acendendo as luzes de alerta. A do pisca-alerta é muito forte. Desvio o rosto. É bem típico isso: quando o carro do Marcus quebra, é Dylan quem resolve o problema.

— O reboque vai chegar em meia hora para levar o carro para a oficina — avisa Dylan.

— Meia hora? — comenta Deb, incrédula.

— É tudo parte do serviço — retruca Marcus, e aponta para o carro. — Mercedes, meu bem.

— É Deb. Não “meu bem”. Já nos encontramos várias vezes.

— Claro. Eu me lembro — diz Marcus em um tom descontraído. E nada convincente.

Sinto os olhos de Dylan atraindo os meus enquanto todos nós tentamos resolver as questões do seguro. Procuo informações no celular e Deb tenta achar os documentos no porta-luvas, mas estou o tempo todo consciente da presença de Dylan, como se ele ocupasse dez vezes mais espaço do que os outros.

— E como vamos chegar ao casamento? — pergunta Marcus, depois que terminamos.

— Vamos de ônibus, de trem... — sugere Dylan.

— *Ônibus, trem?* — repete Marcus, como se alguém tivesse acabado de sugerir chegar ao casamento da Cherry de tobogã.

Ele continua meio babaca, então. Nenhuma surpresa.

Rodney pigarreia. Ele está apoiado na lateral do Mini, os olhos fixos no celular. Eu me sinto mal... Esqueço dele toda hora. Mas nesse exato momento o meu cérebro não tem espaço para o Rodney.

— De acordo com o Google — diz ele —, se vocês saíssem agora, chegariam... às duas e treze.

Marcus checa o relógio.

— Tudo bem — responde Dylan. — Não é tão ruim.

— De terça-feira — completa Rodney.

— *O quê?* — perguntam Dylan e Marcus em coro.

Rodney olha para os dois com uma expressão contrita.

— São quatro e meia da manhã de um domingo, em um fim de semana de feriado, e vocês estão tentando ir de Chichester para a zona rural da Escócia.

Marcus joga as mãos para cima.

— Esse país é uma bagunça.

Deb e eu nos entreolhamos. Não, não, não, não...

— Vamos — digo, já me encaminhando para o Mini. — Você dirige?

— Addie... — começa Deb enquanto me acomodo no banco do carona.

— Para onde vocês acham que vão? — grita Marcus.

Bato a porta do carro.

— Ei! — chama ele, enquanto Deb se acomoda diante do volante. — Vocês têm que nos levar para o casamento!

— Não — digo para Deb. — Ignore ele. Rodney! Entre no carro!

Rodney obedece. O que é legal da parte dele. A verdade é que não o conheço tão bem para gritar com ele.

— Que porra é essa? Addie. Qual é? Se vocês não levarem a gente, não vamos chegar a tempo — tenta Marcus.

Ele está ao lado da minha janela, batendo no vidro com o nó dos dedos. Não abaixo o vidro.

— Addie, qual é? Caramba, você com certeza deve um favor ao Dylan. Dylan diz alguma coisa a Marcus, mas não ouço o quê.

— Meu Deus, ele é um babaca — comenta Deb, o cenho franzido. Fecho os olhos.

— Acha que consegue? — pergunta ela. — Dar uma carona a eles?

— Não. Não... Não aos dois.

— Então ignore ele. Vamos embora.

Marcus bate de novo no vidro. Cerro os dentes, o pescoço ainda doendo, e mantenho os olhos fixos à frente.

— Nossa viagem de carro era para ser *divertida* — digo.

Esse é o primeiro final de semana da Deb longe do bebê dela, o Riley. Esse é o nosso único assunto há meses. Ela planejou cada lanche, cada parada no caminho.

— Ainda seria divertido — comenta Deb.

— Não temos espaço — arrisco.

— Eu posso me espremer aqui atrás! — sugere Rodney.

Eu realmente não gosto de Rodney.

— É uma viagem *tão* longa, Deb — digo, pressionando os olhos com os punhos. — Horas e horas enfiada nesse carro com o Dylan. Passei quase dois anos andando na ponta dos pés por Chichester, tentando não esbarrar nesse homem nem por um *segundo*, quanto mais por oito horas.

— Não estou dizendo para fazermos isso — lembra Deb. — Estou dizendo para irmos embora.

Dylan levou o Mercedes para um lugar mais seguro, para esperar pelo reboque. Eu me viro no banco bem no momento em que ele está saindo do carro, quase um metro e oitenta, magro, desarrumado...

Assim que os nossos olhos se encontram, sei que não vou deixá-lo aqui.

Ele também sabe disso. *Sinto muito*, fala Dylan silenciosamente para mim, só movendo os lábios.

Se eu tivesse ganhado uma moeda toda vez que Dylan Abbott me dissesse que sentia muito, estaria rica o bastante para comprar aquele Mercedes.

Dylan

Às vezes um poema surge quase completo, como se alguém o tivesse jogado aos meus pés, feito um cachorro brincando com um graveto. Enquanto me acomodo no banco de trás do carro de Deb e sinto o aroma dolorosamente familiar do perfume de Addie, crio dois versos e meio em uma fração de segundos. *Inalterada e alterada/ Olhos fixos nos meus/ E estou...*

Estou o quê? O que eu estou? Uma bagunça. Toda vez que olho para Addie, alguma coisa dentro de mim salta feito um golfinho. E era de se imaginar que depois de vinte meses não *doeria* desse jeito, mas dói, dói muito, o tipo de dor que dá vontade de *gritar*.

— Aperta um pouco aí, pode ser? — pede Marcus, me empurrando para o ombro de Rodney.

Estendo a mão e por pouco não caio bem no colo do cara.

— Desculpa — falamos ao mesmo tempo.

As palmas das minhas mãos estão úmidas e eu não paro de engolir em seco, como se isso fosse me ajudar a manter todos os sentimentos sob controle. Addie está muito diferente: o cabelo quase tão curto quanto o meu e tingido de prateado, e os óculos — milagrosamente resgatados do chão do Mini depois da batida — são pesados e superdescolados. Ela provavelmente está mais bonita do que nunca. É como se eu estivesse olhando para uma gêmea idêntica da Addie: a mesma, mas diferente. *Inalterada e alterada*.

É óbvio que eu deveria dizer alguma coisa, mas não consigo pensar no quê. Eu já fui bom nesse tipo de coisa, já fui *desencanado*. Eu me espremo no meio estreito do banco de trás e fico olhando o carro do pai do Marcus

ser levado pela rua escura — balançando desamparado na traseira do reboque —, enquanto desejo invocar ao menos parte do atrevimento que eu tinha quando conheci Addie, quando não fazia a menor ideia de como ela mudaria completa e absolutamente a minha vida.

— Aliás, o que vocês estavam fazendo na estrada tão cedo? — pergunta Addie, enquanto Deb vai com o carro para a pista. — Você detesta dirigir cedo.

Ela está usando o espelho do quebra-sol para se maquiar. Eu a vejo misturar uma pasta nas costas da mão e passar na pele macia.

— Você está um pouco desatualizada — diz Marcus, enquanto tenta ficar mais confortável no banco e enfia o cotovelo nas minhas costelas no processo. — Hoje em dia, Dylan tem opiniões *muito* fortes sobre por que viagens de carro com certeza *devem* começar às quatro da manhã.

Olho para baixo, na direção dos meus joelhos, constrangido. Foi Addie que me ensinou que, para viajar melhor de carro, é preciso sair antes de amanhecer, quando tudo está calmo e silencioso, o dia ainda carregado de esperança. Mas ela tem razão: quando estávamos juntos, eu sempre reclamava por ela querer que a gente saísse cedo para uma viagem longa de carro.

— Ora, foi bom a gente ter saído cedo! — comenta Rodney em um tom satisfeito, enquanto checa o celular, os cotovelos o mais grudados possíveis ao corpo.

Marcus não está fazendo qualquer sacrifício pelo meu conforto: ele está com a perna aberta, o joelho despreocupadamente encostado no meu e um dos cotovelos no meu colo. Suspiro.

— Depois dessa parada, vamos chegar em cima da hora no churrasco para a família — continua Rodney. — Temos mais oito horas de viagem e já são cinco e meia da manhã!

— Ah, você vai ao churrasco pré-casamento? — pergunto.

Ele assente. A pergunta é uma tentativa descarada de descobrir o que Rodney está fazendo aqui, mas torço para que pareça uma curiosidade simpática. Assim que eles saíram do carro, por um momento terrível e desesperador, achei que ele estava indo ao casamento como acompa-

nhante da Addie, já que Cherry tinha dito alguns meses antes que ela talvez levasse alguém. Mas não há nenhum clima entre eles; na verdade, Addie parece ignorá-lo solenemente.

Aliás, ela está ignorando solenemente todo mundo. Depois daqueles primeiros momentos de contato visual, que fizeram o meu estômago se revirar e o meu coração disparar, Addie faz questão de ignorar o meu olhar toda vez que tento chamar sua atenção. Por sua vez, Marcus está tamborilando um som alto e idiota na janela, o que faz Deb lançar um olhar irritado para ele, enquanto tenta se concentrar para pegar o desvio que sai de Chichester para a rodovia.

— Podemos colocar alguma música ou alguma coisa assim? — pergunta Marcus.

Sei o que vai tocar antes mesmo de Addie apertar play. Assim que escuto as notas de abertura, contendo um sorriso. Não conheço a música, mas o estilo musical sem dúvida é o country americano; bastam alguns acordes para saber que estamos prestes a ouvir histórias sobre beijos trocados tarde da noite em alguma varanda; saídas para ouvir música ao vivo no bar; longas viagens de carro com garotas bonitas no banco do carona. Addie e Deb adoram música country desde adolescentes. Eu sempre implicava com a Addie por causa disso, o que era particularmente hipócrita da minha parte, já que sou um homem cuja playlist “Corridas longas” é quase exclusivamente composta por canções da Taylor Swift. Agora não consigo mais ouvir o som fanhoso de um banjo sem lembrar de Addie dançando uma música do Florida Georgia Line usando uma blusa velha minha; ou de quando ela cantou “Watching You” com Rodney Atkins, com as janelas do carro abaixadas; ou ainda dela se despindo lentamente ao som de “Body Like a Back Road”.

— Talvez essa não — diz Addie, a mão já pairando sobre o celular.

— Eu gosto dessa! Deixa — pede Deb, e aumenta o som.

— O que é isso? — pergunta Marcus.

Vejo Addie endireitar os ombros diante do tom dele.

— É Ryan Griffin — responde ela. — É... o nome da música é “Woulda Left Me Too”.

Estremeço. *Também teria me deixado...* Marcus cai na gargalhada.

— Ah, é mesmo? — diz ele.

— Está na playlist Country Gold — explica Addie, enquanto um rubor rosa-claro se espalha pelo seu pescoço, as manchas parecendo pétalas. — E é isso que vamos ouvir pelas próximas oito horas. Portanto é melhor se acostumar.

Marcus abre a porta do carro.

— O que você...

— Marcus, que porra é ess...

Há uma movimentação no banco de trás. Marcus me empurra com o cotovelo. A porta está aberta só alguns centímetros, mas o vento entra zunindo no carro, e Rodney está se inclinando sobre mim agora, quase alcançando a maçaneta da porta, e estamos nos esfregando um no outro, o cabelo castanho oleoso do Rodney no meu rosto, a minha perna de algum jeito emaranhada à do Marcus...

— Vou pegar uma carona! — grita Marcus, e ouço a adrenalina na sua voz, o barato que sobe à cabeça dele quando faz alguma coisa idiota. — Me deixa sair! Não consigo ouvir isso por oito horas! Desligue!

Ele continua rindo mesmo quando dou um tapa tão forte na sua mão que minha palma arde.

— Você é louco! — diz Rodney. — Estamos a quase cem quilômetros por hora!

O carro dá uma guinada. Vejo os olhos de Deb pelo retrovisor: estão estreitados em uma concentração intensa enquanto ela tenta se manter no meio da pista. À nossa direita, os carros passam em um fluxo de luzes fortes de faróis, que deixam faixas de um amarelo esbranquiçado na minha visão.

Addie dá pause. Marcus fecha a porta. Agora que a música parou e o vento não está mais rugindo através da porta, dá para ouvir cada barulho dentro do carro: a respiração acelerada do Rodney, o som da Deb relaxando o corpo no banco. Com a descarga de adrenalina provocada pelo episódio vem um desejo absurdo de socar o nariz de Marcus.

— Qual é o seu problema, *porra*? — sibilo.

Sinto que Addie se vira para ver o que houve — surpresa, talvez —, mas se volta para o caminho à frente antes que eu consiga encontrar seus olhos.

Marcus engole em seco, me olhando de soslaio, e percebo que ele já se arrepende de não ter se comportado melhor, mas estou irritado demais para reconhecer isso. Depois de um instante, ele força uma risada.

— Queremos músicas típicas de viagens de carro! — exclama ele. — Coloque alguma do Springsteen.

Por um longo momento, Addie não diz nada.

— Deb — diz ela por fim —, pare assim que der, por favor.

— Você precisa fazer xixi? — pergunta Deb.

— Não — responde Addie. — Precisamos largar o Marcus. Assim ele pode pegar uma carona. Como solicitado.

Ela aperta o play e a música country volta a tocar.

Addie

Acaba que não paramos por um tempão. Quando finalmente chegamos a um posto de gasolina, eu de fato preciso fazer xixi. E tomar um pouco de ar. Esse carro de repente parece o menor do mundo.

— Vamos realmente largar o Marcus aqui? — pergunta uma voz preocupada atrás de mim.

Estou atravessando depressa o posto de gasolina em direção à loja de conveniência. O objetivo é andar rápido o bastante para que o Dylan não consiga me alcançar e puxar assunto. Até aqui, consegui evitar contato visual com ele desde que todos nós entramos no Mini. Acredito que seja um plano plausível pelos próximos seiscentos e tantos quilômetros que temos pela frente.

Rodney anda rápido demais para um homem tão desengonçado. Olho rapidamente para ele, por cima do ombro.

— Não, provavelmente, não — digo. — Marcus é chegado a um drama. É melhor dar logo um fora nele, ou o cara vai passar o dia todo fazendo cena.

— Como você conhece o Marcus?

Rodney acelera o passo para abrir a porta para mim quando chegamos à loja de conveniência. Pisco. Ele é muito desajeitado. Parece um adolescente às vezes, mas deve ter pelo menos trinta anos.

— Dylan e eu já namoramos.

— Ah. Ah. Ai, meu Deus, que situação constrangedora! — comenta ele, levando as mãos à boca.

Eu rio, surpreendendo a mim mesma.

— Sim, mais ou menos isso.

Pego um punhado de barras de chocolate no fim do corredor. Eu e Deb trouxemos lanche para uma viagem de duas pessoas, mas Dylan tem uma fome de leão. Se ele farejar os nossos petiscos, não teremos mais nada quando chegarmos a Fareham.

— Sinto muito por você ter acabado no meio de uma confusão — digo ao Rodney. — Mas vai ficar tudo bem. Eu e o Dylan conseguimos ser civilizados por algumas horas, não se preocupe.

— Ah, então tudo terminou, hum, de forma amigável? — pergunta Rodney, e me estende uma cesta.

Jogo as barras de chocolate ali dentro, junto com cinco pacotes de biscoito e vários sacos de balas.

— Hum, amigável?

Na noite em que o Dylan me deixou, eu tinha gritado com ele. Não o tipo de grito a que as pessoas normalmente se referem quando falam em gritar; eu berrei mesmo: a boca muito aberta, o som saindo do fundo da garganta. Soquei o peito dele e chorei até todo o meu corpo se sacudir em soluços. Não comi por três dias depois daquela noite.

— Mais ou menos — falei. — Mais ou menos amigável.

Quando voltamos para o carro, Dylan está encostado na lateral, os braços cruzados, olhando para a esquerda. O sol está nascendo atrás dele. A imagem parece algum cartaz... de uma banda alternativa ou de um perfume caro. Ele continua desarrumado e seus olhos ainda parecem sonhadores, mas está mais adulto agora... parece mais lapidado.

Mantenho os olhos fixos nele um pouco além do que deveria, e nossos olhares se cruzam um instante antes de eu abaixar a cabeça.

— Addie — chama, quando nos aproximamos.

E se adianta para me ajudar com as bolsas. Eu me desvio e passo por ele em direção ao porta-malas do carro.

— Addie, por favor — fala Dylan, mais baixo agora. — Precisamos conversar. Vamos ficar presos nesse carro pela maior parte do dia. Você não quer... sabe como é... só... tornar a situação menos... constrangedora?

Bato com força o porta-malas. Consegui encaixar os lanches extras lá dentro, mas a visibilidade do vidro traseiro foi comprometida. Ao que parece, Dylan e Marcus trouxeram tanta bagagem quanto a Mariah Carey, e ainda há toda a parafernália de amamentação da Deb: dois extratores de leite materno, as bolsas térmicas, mamadeiras...

— Vou dar uma volta, esticar as pernas — diz Rodney. — Vejo vocês em cinco minutos, certo?

Eu não deveria ter dito a ele que eu e Dylan terminamos de um jeito mais ou menos amigável. Rodney não teria me deixado sozinha agora se eu tivesse contado a ele que Dylan arruinou a minha vida.

— Addie... você não consegue nem olhar pra mim?

Não sei se consigo, sinceramente. Dói tentar olhar para o Dylan. Sinto como se fôssemos dois ímãs com a mesma força repelindo um ao outro. Por isso, desvio os olhos para o gramado onde algumas poucas pessoas estão com seus cachorros. Um poodle pequeno corre em círculos, um cachorro salsicha usa uma coleira rosa ridícula. O sol nasce atrás deles, projetando sombras compridas na grama. Vejo Marcus, agachado para falar com um pastor-alemão. Torço para que o cachorro não seja manso. Não quero que Marcus seja mordido, nada assim, mas talvez o cachorro pudesse rosnar para ele.

— Onde está a Deb? — pergunto.

— Ela recebeu uma ligação da mãe sobre o Riley.

Olho de relance para ele.

— A Deb contou a você do Riley?

O olhar dele fica mais suave.

— Acabou de contar. Eu achei que você... achei que você me contaria, sabe. Coisas como a Deb ter tido um bebê.

— Nós combinamos que não manteríamos contato.

— Você disse isso. Nós não combinamos.

Ergo as sobrancelhas.

— Desculpa — diz Dylan. — Desculpa.

Mexo nas minhas pulseiras. Pinteí minhas unhas para o casamento, mas estão tão curtas que parecem um pouco ridículas. Cotoquinhos vermelhos.

— De qualquer forma, fico muito feliz pela Deb — comenta Dylan, quando eu não respondo.

— E um pouco surpreso?

Ele sorri, e acabo sorrindo também, antes que consiga me controlar.

— Não vai perguntar quem é o pai? — provoco.

— Imagino que ela não precise de um — brinca Dylan. — Como Gaia, você sabe, quando deu à luz Urano.

Meu sorriso aumenta, por mais que eu não queira.

— Você sabe que eu não sei — respondo em tom sarcástico.

— Certo — diz ele depressa, e coloca o cabelo para trás, como se ainda estivesse comprido o bastante para cair em seus olhos... uma mania antiga. — Mitologia grega, muito pomposa, péssima referência, me desculpa. Só quis dizer que a Deb nunca precisou de homem nenhum, não é mesmo? Não que alguém *precise* de homem, mas... ai, caramba.

— Vamos colocar esse espetáculo na *estrada!* — diz uma voz atrás de nós. Marcus passa de qualquer jeito ao nosso lado e abre a porta de trás. — Talvez seja melhor você ligar o carro. O Rodney está vindo depressa.

Eu me viro bem no momento em que Deb aparece, ainda guardando o celular no bolso do casaco. Ela entra no carro logo atrás do Marcus, e eu vou até a porta do motorista. Entro em pânico: isso significa que Dylan vai se sentar na frente comigo?

— O que o Rodney está fazendo? — pergunta Deb.

Olho por cima do ombro na direção do gramado. Rodney está correndo na nossa direção, agitando os braços e pernas compridos, o cabelo voando. Atrás dele vem o pastor-alemão arrastando o dono pela coleira.

— Ah, fantástico — murmuro.

Entro no carro e tento enfiar a chave na ignição.

Marcus comemora com um grito quando Rodney se joga no banco de trás, ofegante.

— Desculpem! — exclama ele. — Desculpem! Desculpem!

Deb bufa baixinho.

— Cuidado com essas mãos, por favor — alerta ela. — Essa aqui está chegando muito perto da minha vagina.

— Ai, meu Deus, *desculpa* — diz um Rodney mortificado e ainda ofegante. Dylan se acomoda no banco do carona. Ele está mais uma vez tentando encontrar meu olhar.

— Não foi nada — fala Deb. — Empurrei um bebê por ela. É uma vagina forte.

— Ah, não — balbucia Rodney — Ah, eu não... desculpa mesmo.

— Eu tinha esquecido de como gosto de você, Deb — declara Marcus.

— É mesmo? — retruca Deb, parecendo interessada. — Porque eu não gosto nada de você.

Saio do posto. Não resisto e, por um segundo, desvio os olhos na direção do Dylan, ao meu lado.

— Faltam só quinhentos e setenta e seis quilômetros — comenta ele, baixo o bastante para que só eu escute.

Marcus está explicando para Deb que “vive sendo mal interpretado”, e que “na verdade, está em um processo de melhoria, mais ou menos como um libertino de um romance mal escrito do século XIX”.

— Quinhentos e setenta e seis quilômetros — repito. — Tenho certeza de que vão passar voando.

Dylan

Seguimos em alta velocidade pela A34. O calor já está denso como mel, viscoso e doce. Uma linda manhã de verão está se revelando: o céu está do azul profundo do lápis-lazúli, e os campos tocados pelo sol se espalham em um amarelo intenso pelos dois lados da estrada. É o tipo de dia com gosto de bronzeador, de morangos maduros, da cabeça zonza depois de tomar gim-tônica demais.

— Desse jeito, o chocolate vai acabar derretendo — avisa Addie, e coloca o ar-condicionado do carro no máximo.

Aquilo chama minha atenção.

— Chocolate?

— Não é para você — responde ela, sem desviar os olhos da estrada.

Afundo de novo no banco. Achei que havíamos feito algum progresso. Mais cedo, ela se virou para mim com um meio sorriso, como um pedacinho de alguma coisa deliciosa, e o meu coração disparou. Um sorriso verdadeiro da Addie é um prêmio e tanto: difícil de conquistar e totalmente eletrizante quando acontece. E me perturba perceber que, pelo visto, isso continua sendo tão verdade quanto era há dois anos. Mas Addie está fria de novo; já se passou meia hora desde que saímos do posto de gasolina e ela não falou diretamente comigo até agora. Não tenho direito de reclamar, e isso não deveria me deixar bravo, mas deixa. Parece mesquinho, e gosto de pensar que somos melhores do que isso.

Eu me ajeito no banco e Addie desvia rapidamente o olhar para mim, então aumenta o volume do rádio. Está tocando uma música pop qual-

quer, alguma coisa dançante e repetitiva, que atende tanto ao gosto dela quanto ao de Marcus; no volume em que está, não consigo entender direito a conversa sem sentido no banco de trás. Na última vez em que ouvi, Rodney estava explicando as regras do quadribol da vida real para a Deb, com ocasionais comentários engraçadinhos do Marcus.

— Vamos — diz Addie. — Seja o que for que você queira dizer, diga logo.

— Sou tão transparente assim? — pergunto, no tom mais descontraído que consigo.

— Sim. — O tom dela é sincero. — Você é.

— Eu só... — Engulo em seco. — Você ainda está me punindo.

No momento em que as palavras saem da minha boca, me arrependo de ter falado.

— Eu estou punindo você?

O ar-condicionado é como um hálito lento e morno bafejando o meu rosto. Eu preferia ter aberto a janela, mas, pouco antes, Marcus reclamou que aquilo arruinaria o cabelo dele, e estou sem paciência para ter outra conversa dessas. Eu me ajeito de novo no banco, para que o fluxo de ar morno atinja o outro lado do meu rosto; assim, consigo olhar para a Addie dirigindo. As pontas das orelhas dela estão vermelhas, e mal consigo ver através de seu cabelo. Ela está usando óculos escuros, e seus óculos de grau estão no alto da cabeça, afastando a franja do rosto. Vejo um pouco da antiga cor do cabelo nas raízes.

— Você continua sem falar comigo.

— Não falar com você não tem nada a ver com puni-lo, Dylan. Na verdade, não tem nada a ver com *você* . Eu precisava de espaço.

Abaixo os olhos para as minhas mãos.

— Acho que pensei que, em algum momento, você não precisaria mais desse espaço.

Addie me olha de relance, mas não consigo ver a expressão dos seus olhos através das lentes escuras.

— Você estava esperando? — pergunta ela.

— Não... não *esperando* exatamente, mas...

Deixo a frase morrer e o silêncio se estende à nossa frente, feito uma fita muito comprida. Reparo no rosto da pessoa no banco do carona no veículo que cruza com o nosso na rodovia: uma mulher de meia-idade, de boné, olhando para o nosso carro de olhos arregalados. Dou uma espiada no banco de trás, e imagino o que ela está vendo. Um bando heterogêneo de jovens de vinte e poucos anos, amontoados alegremente em um Mini vermelho-brilhante, às sete e meia da manhã, em um domingo de feriado.

Ela não faz ideia. Se fosse possível usar segredos como fonte de energia, não precisaríamos de gasolina; teríamos ressentimentos o bastante neste carro para nos levar até a Escócia.

DYLAN E ADDIE SE APAIXONARAM há alguns verões, sob o sol da Provença, na França. Quase dois anos atrás, porém, o relacionamento acabou, e eles pararam de se falar.

Às vésperas do casamento de uma amiga em comum, os caminhos dos dois se cruzam novamente. Ou melhor, colidem. Quando, logo no início da viagem para a festa, o carro em que Dylan vai com um amigo bate no que Addie está com a irmã e um sujeito que pediu para ir junto, os planos mudam. Addie se vê obrigada a oferecer carona para a dupla, e, espremidos no carrinho, os cinco retomam a jornada.

Com muitos imprevistos no trajeto e seiscentos quilômetros pela frente, Dylan e Addie serão forçados a confrontar as escolhas que os separaram e refletir se ter colocado um ponto-final no relacionamento foi a melhor decisão.

Alternando a história do namoro com a louca viagem de carro, o terceiro romance de Beth O'Leary nos faz sentir o friozinho na barriga da paixão e as angústias dos rompimentos, enquanto tentamos entender o que causou o ressentimento e a tensão entre os protagonistas. Engraçado, emocionante e repleto de personagens memoráveis, *Na estrada com o ex* é a oportunidade perfeita para refletir se o fim da estrada pode ser um recomeço.

SAIBA MAIS

www.intrinseca.com.br/livro/1136

